



LENTILHAS E LOBAS: HISTÓRIA E FICÇÃO NA PIRATARIA DO CARIBE

Dernival Venâncio Ramos*
Universidade Federal do Tocantins – UFT
dernivaljunior@gmail.com

Marina Haizenreder Ertzogue**
Universidade Federal do Tocantins – UFT
marina@mail.uft.edu.br

RESUMO: Este artigo analisa as representações da pirataria na narrativa de Silvestre de Balboa. A obra **Espejo de paciência** conta o sequestro do bispo espanhol Cabezas Altamirano, em Cuba, por corsários franceses. Esse poeta canário, que viveu em Porto Príncipe, registra a saga do religioso e o assassinato do corsário Gilbert Girón. Trata-se de um poema épico considerado “fundador” da literatura cubana e um dos únicos registros remanescente do período colonial sobre a pirataria no Caribe. Do mesmo modo, são analisadas as reverberações contemporâneas na literatura caribenha da pirataria através das obras de Antonio Benitez Rojo e Zoé Valdés. Além de trazer reflexões sobre a cultura marítima no contexto colonial da ilha de Cuba, integrante do arquipélago antilhano, o texto destaca a repercussão desse tema na literatura cubana atual.

PALAVRAS-CHAVE: Pirataria – Caribe – Narrativa – Silvestre – Balboa

LENTILS AND WOLVES: HISTORY AND FICTION IN PIRACY OF THE CARIBBEAN

ABSTRACT: This article analyzes representations of piracy in the narrative of Silvestre de Balboa. The oeuvre **Espejo de paciência** tells about the kidnaping of Spanish bishop Cabezas Altamirano in Cuba by French privateers. The Canarian poet who lived in Porto Príncipe records the saga of the religious man and the murder of the corsair Gilbert Girón. It is an epic poem considered the “founder” of Cuban

* Doutor em História pela Universidade de Brasília, professor do Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura (PPGL) e da graduação em História da Universidade Federal de Tocantins.

** Doutora em História pela Universidade de São Paulo, é professora do Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura (PPGL), e da graduação em História da Universidade Federal de Tocantins e pesquisadora do Conselho Nacional de Pesquisa.

literature and one of the only remaining records of the colonial period about the piracy in the Caribbean Sea. Similarly, this text analyzes the contemporary reverberations in Caribbean literature of piracy through the oeuvres of Antonio Benitez Rojo and Zoé Valdés. In addition, reflections about the Maritime Culture in the colonial context of the island of Cuba, an island of the Antillean Archipelago, and also the impact of this issue in the current Cuban literature are brought in this article.

KEYWORDS: Piracy – Caribbean – Narrative – Silvestre – Balboa

Se aceitarmos que o texto fundador da prática narrativa em língua europeia nas Américas foi o **Diário de Colombo**, chegaremos facilmente à conclusão de que, desde as viagens iniciais dos europeus, a relação entre oceano e narrativa foi fundamental. Esse texto e outras crônicas dos séculos XVI e XVII descrevem tanto a vida no mar quanto o mar na vida dos povos que habitam e habitaram o arquipélago do Caribe. Por exemplo, os “taínos”,¹ que viviam ali até a chegada dos europeus; por conhecerem as correntes marítimas, eram capazes de navegar entre as ilhas, como nos mostra John Thorton.² Embora pouco conhecidas essas narrativas, sabemos que os europeus e africanos, que ocuparam as ilhas quando os nativos foram exterminados, desenvolveram uma longa tradição narrativa sobre o mar; e essa tradição tem seus continuadores — e (re)visitantes nos nossos dias.

O mar ocupa lugar especial nas reflexões do filósofo martinicano Edouard Glissant.³ Em sua obra **A poética da diversidade**, ele afirma que a inflexão do homem e da cultura caribenha se justifica por ser ele cercado pelo mar, em suas pequenas ilhas. O poeta Derek Walcott, em sua obra **Omeros**, também investiga o lugar do mar e da cultura marítima para os habitantes da ilha caribenha, provavelmente sua Santa Lucia natal.⁴ Nos dois autores, observamos a influência do mar e da cultura marítima na visão de mundo do homem antilhano.

No romance **Natives of my person**, George Lamming narra a rotina a bordo do navio Reconnaissance;⁵ por sua vez, Glissant, em **O quarto século**, descreve

¹ Grupos indígenas pré-colombianos que habitavam as ilhas Bahamas, as Grandes Antilhas e as Pequenas Antilhas do Norte.

² THORTON, John. **A África e os africanos na formação do mundo atlântico: 1400–1800**. Rio de Janeiro: Campus, 2004.

³ GLISSANT, Edouard. **Introducción a una poética de lo diverso**. Barcelona: Ediciones del Bronce, 2002.

⁴ WALCOTT, Derek. **Omeros**. São Paulo: Cia. das Letras, 2011.

⁵ LAMMING, George. **Natives of my person**. London/New York: Allison and Busby, 1972.

detalhadamente a vida dentro de um navio negreiro durante a travessia do oceano Atlântico.⁶ Nesses romances, o navio é um lugar seminal, uterino, de uma cultura caribenha que se gesta durante as descobertas e a organização da sociedade insular caribenha. Dois anos antes de Glissant, o cubano Alejo Carpentier havia publicado **El siglo de las luces**, onde também expõe o navio como espaço seminal da cultura caribenha ao descrever, em minúcias, as errâncias de Victor Hugo pelo Caribe, aonde levou a boa nova do Iluminismo.

Há, contudo, poucas narrativas sobre um dos mais importantes fenômenos da história do Caribe: os piratas, como o Estado imperial espanhol chamavam os navegantes — em geral, franceses e ingleses — que se dedicavam ao comércio clandestino e saqueavam navios mercantes espanhóis. Foi justamente o pirata Guillaume le Testu o primeiro a chamar o Caribe de Mar das Lentillas; e quem inspirou Jack London a criar a ideia de lobo do mar. Neste texto, faremos uma excursão pelo poema épico **Espejo da paciência**, de Silvestre Balboa, e pelo romance **Lobas de mar**, de Zoé Valdés.

PIRATAS, CORSÁRIOS, BUCANEIROS EM MARES CARIBENHOS

Na segunda metade do século XVII, com a intensificação do fluxo colonial entre as potências europeias e suas colônias no Novo Mundo — no Caribe, a costa oriental da América do Norte —, bem como a florescente relação comercial com a África e as Índias orientais, as rotas comerciais cruzavam todo o globo, levando navios mercantes carregados de riquezas: objetos de cobiça de piratas, bucaneiros e corsários destemidos. No século XVI, navegadores ingleses como John Hawkins e Francis Drake já visitavam com “patentes de corso” e atacavam embarcações espanholas em nome da Coroa inglesa, fazendo comércio clandestino e saques.

O período compreendido entre 1650 e 1730 passou para a história como a Idade de Ouro da pirataria, coincidindo com o surgimento dos bucaneiros: piratas estrangeiros, fixados nas cercanias do mar caribenho. Esses homens viviam em ilhas desabitadas e saqueavam navios com bandeiras espanholas que singravam suas águas.⁷ Os piratas navegavam por sua própria vontade e autoridade, levando a cabo ataques em

⁶ GLISSANT, Edouard. **Introducción a una poética de lo diverso**. Barcelona: Ediciones del Bronce, 2002.

⁷ STUART, Robertson. **La vida de los piratas**. Barcelona: Critica, 2010.

tempos tanto de paz como de guerra; em embarcações sem bandeira nacional, hasteavam ao topo do mastro das embarcações suas insígnias: bandeiras vermelhas e pretas; muitos traziam imagens de caveiras e túbias e até estandartes ensanguentados.⁸

Marinheiros aguerridos e experientes aos reveses da vida no mar sofriam, sem queixas, de fome e sede. Havia vários códigos de conduta; por exemplo: não admitiam a bordo mulheres nem crianças.

Além de desertores e criminosos, ingressavam na pirataria os bucaneiros e piratas que, em geral, refugiavam-se na ilha de Tortuga,⁹ abrigo natural para embarcações clandestinas. Segundo Phillip Gosse,¹⁰ essa ilha, situada em frente à costa leste de La Española, era uma das paragens prediletas dos piratas: além de não se situar muito distante das rotas comerciais, era um lugar tranquilo, pouco frequentado por barcos mercantes que dispunha de uma praia e um ancoradouro para reparos das embarcações.

Quando se iniciava uma empresa pelos mares do Caribe a fim de pilhar, a primeira empreitada era constituir uma companhia com uma tripulação que jurasse obediência ao capitão. Entre eles havia hierarquia. Designavam-se o cozinheiro, o cirurgião e o escrivão. Quando adería à empresa, a tripulação tinha de custear seu armamento e sua pólvora. Um conselho se reunia para definir a rota; o objetivo era conseguir os tesouros que os galeões espanhóis levavam da América à Europa.

Ao começar a empresa, definia-se por contrato o rateio proporcional do saque; a maior parte cabia ao capitão — como dono ou representante do proprietário da embarcação —, seguido pelo cozinheiro, pelo cirurgião e, por fim, pelos aventureiros.¹¹ Entravam na conta do rateio as despesas com embarcações e indenizações dos tripulantes mutilados ou feridos em combate. As indenizações e recompensas eram deduzidas dos valores arrecadados na pilhagem — barras de ouro e prata — ou produtos do saque — cacau, açúcar, madeiras, corantes e tabaco. Uma vez concluída a divisão do saque, cada qual tinha a liberdade de deixar a empresa e se dirigir aonde lhe conviesse

⁸ ULLIVARRI, Saturnino. **Piratas y corsarios en Cuba**. España: Renacimiento, 2004, p. 21.

⁹ Localizada na costa de La Española, atual São Domingos, a ilha de Tortuga tem o formato de tartaruga. Até meados do século XVII, aventureiros franceses partiram da ilha fortificada de São Cristóvão em barcas rumo ao oeste e descobriram novas ilhas onde encontraram grande quantidade de gado. Na ilha de Tortuga foi criada uma república de bucaneiros.

¹⁰ GOSSE, Phillip. **Quién es quién en la piratería**. España: Editorial Renacimiento, 2003.

¹¹ ULLIVARRI, 2004, op. cit., p. 24.

para gastar o produto da rapina. A maioria gostava de toda a classe de excessos: “[...] mulheres, jogos e bebidas”.¹²

Gosse relata que as condições de vida nos navios eram similares ao universo da pirataria. Quando uma embarcação caía em poder dos piratas, um chefe era eleito pelos tripulantes com base em dois atributos: a valentia e a experiência em navegação. Um segundo oficial nomeado era o cabo-do-mar, que, por sua vez, podia designar oficiais inferiores de sua confiança. Em seguida, buscava-se, entre os membros da tripulação, um pirata capaz de redigir os estatutos, que eram deliberados e rubricados por cada um dos tripulantes.

Os bucaneiros tinham leis e rituais peculiares para manter unida a categoria. Muitos rituais eram religiosos; por exemplo, nenhum bucaneiro podia caçar ou curar a carne aos domingos; nenhum iniciava uma travessia sem antes ir à igreja pedir a bênção de Deus para sua empresa. Ao final do ataque a uma embarcação, os tripulantes deviam amontoar o produto do saque, que então era selecionado e dividido pelo capitão entre os tripulantes. Nesse momento, todos os bucaneiros tinham de jurar, sobre a Bíblia, que não ocultavam produtos da pilhagem.

Na primeira metade do século XVII, sobretudo durante os primeiros vinte anos, as transações comerciais, por via ilegal, que se realizavam entre os habitantes da ilha de Cuba e os piratas eram denominadas “resgate” — isto é, a troca de mercadorias entre colonos e estrangeiros. Os nativos que comercializavam dessa forma eram chamados de “resgatadores”. Dominguez aponta as seguintes causas do contrabando praticado por espanhóis e estrangeiros nas Índias: a) obtenção de gêneros a preços mais baixos e livres de impostos e registros; b) política restritiva metropolitana que fazia do contrabando a única maneira de obter determinados produtos; c) monopólio dos mercadores de Sevilha.¹³ No caso da ilha de Cuba, dois fatores influenciaram o contrabando: a existência de numerosas ilhas desabitadas nas Antilhas, que serviam de refúgio para corsários e piratas; e o isolamento de Porto Príncipe, Santiago de Cuba e Bayamo, uma vez que a capital tinha sido transferida para Havana, no outro extremo da ilha. Nessa região, ao sul de Cuba e ao norte da ilha de La Española, o comércio clandestino se desenvolveu a ponto de se tornar uma economia de enclave no sistema colonial.

¹² ULLIVARRI, Saturnino. **Piratas y corsarios en Cuba**. España: Renacimiento, 2004, p. 22.

¹³ DOMÍNGUEZ, Isabelo Macías. **Cuba en la primera mitad del siglo XVII**. Havana: Publicaciones de la Escuela de Estudios Hispano-Americanos, 1978, p. 327.

A PIRATARIA EM “ESPEJO DE PACIENCIA”, DE SILVESTRE DE BALBOA

Situada ao centro do círculo marítimo que forma o mar das Antilhas e o Golfo do México, a ilha de Cuba servia obrigatoriamente como posto de abastecimento e organização das frotas que, da América, dirigiam-se à Espanha. Por essa razão, a ilha foi ponto de convergência para piratas e corsários de nacionalidades distintas que, por mais de cem anos, saquearam e incendiaram, mais de uma vez, Havana, Santiago de Cuba, Bayamo, Porto Príncipe e outros estabelecimentos espanhóis.

Da época da colonização espanhola, o poema épico **Espejo de paciencia**,¹⁴ de Silvestre de Balboa (1608), é a primeira obra sobre a pirataria em Cuba de que se tem notícia. Essa obra destaca também a “insularidade”, que, para o autor, está intimamente relacionada com o mar e a presença de piratas no arquipélago do Caribe.

Nessa época, para coibir o contrabando e restringir a ação da pirataria, a Coroa espanhola organizou, em 1560, a Carrera das Índias. Os navios passaram a atravessar o Atlântico em comboio, acompanhado por um galeão fortemente armado. A partir de 1564, Havana passou a receber dezenas de embarcações que voltavam para Espanha, tornando-se o centro da América espanhola e o ponto de onde partia o comboio rumo à Europa. A Coroa, por sua vez, limitava o comércio das Índias aos espanhóis. A presença de corsários e piratas era facilitada pelo espaço geográfico, que possibilitava ancoragens clandestinas no arquipélago, em enseadas e em praias desabitadas.

Desde o século XVI — cabe frisar —, a ação dos corsários estrangeiros era intensa no Caribe. Em 1536, as hostilidades entre Espanha e França foram acirradas. Um acordo entre França e Portugal, assinado em Lyon, teve reflexos imediatos no Caribe. Por causa desse acordo, os franceses abandonaram as disputas com os portugueses na costa da África e, dirigindo-se a Bahamas, apoderaram-se de nove navios espanhóis. No mesmo ano, outro navio mercante francês atacou Havana, apreendendo um resgate de 600 ducados de ouro.¹⁵ Em 1554, quando irrompeu a guerra franco-espanhola, Santiago de Cuba foi saqueada; e, no ano seguinte, o corsário Jaques Sore incendiou Havana, destruindo parte da cidade e da igreja matriz. É nesse contexto,

¹⁴ **Espejo de paciencia** foi dado a conhecer pela primeira vez em 1838, na revista **El Plantel**, onde José Antonio Echeverría anuncia a descoberta do poema, que apareceu incluído no livro **Historia de la isla y catedral de Cuba**, de Pedro Agustín Morell de Santa Cruz, escrito no fim do século XVIII.

¹⁵ BERNARD, Carmem; GRUZINSKI, Serge. **História do novo mundo**. São Paulo: EDUSP, 2006, p. 609-610.

com a presença cada vez maior de corsários e piratas franceses na região de Cuba, que Silvestre de Balboa escreveu seu poema épico.

Em 1602, dom Juan de las Cabezas Altamirano recebeu a notícia de que seria ungido bispo de Cuba, Jamaica e Flórida. Sagrando-se em Madri, cruzou o Atlântico para chegar a Havana, em setembro de 1603. De lá escreveu ao rei de Espanha, Felipe III, relatando o estado deplorável das igrejas e informando sobre os “resgates”:

Esta Isla está tan perdida con los rescates que mean informado llega a tanto la licencia que sea tomado que a habido persona en la tierra adentro que no a querido bautizar un hijo hasta que un pirata fue su padrino y esto sino es que V. mag. nos haga m[er]ce]d. de mandar con real armada limpiar la costa será muy dificultoso el remedio.¹⁶

Em novembro de 1603, o bispo era informado de que o pirata francês Gilberto Girón e seus homens haviam incendiado a Vila de Santiago de Cuba, sede do bispado. Dom Juan Altamirano partiu para Santiago, dando início a longas viagens de inspeção pelas vilas do interior. Em Bayamo, a finalidade da visita era apaziguar a população, grande parte dela processada pelo tenente Suárez de Poago a mando do capitão-geral Pedro de Valdés como parte da política da Coroa de coibir o comércio clandestino.¹⁷

Em abril de 1604, dom Altamirano, acompanhado pelo cônego Francisco Puebla, dirigia-se ao povoado de Yara. Encontrava-se instalado numa fazenda quando foi sequestrado por Gilberto Girón, o mesmo pirata que havia incendiado a vila de Santiago. Esse fato histórico foi a base do poema épico **Espejo de paciencia**, escrito na antiga vila de Santa Maria do Porto Príncipe, por Silvestre de Balboa Troya y Quesada:

Así nuestro pastor, cuando su gente
Tuvo en aquel asiento recogida,
Al blando sueño dio lugar decente,
Después que a Dios encomendó su vida:
Cuando el lobo Gilberto de repente
Dio en la pobre manada dormida
Estaba, descuidado el pastor santo
Del repentino caso y nuevo espanto.¹⁸

A embarcação de Gilberto Girón estava ancorada no porto de Manzanillo quando o corsário francês foi informado da permanência do bispo no povoado de Yara; Girón, então, destacou 26 homens da tripulação e marchou até lá, onde capturou dom

¹⁶ Citado por CRUZ-TAURA, Graciella. **Espejo de paciencia y Silvestre de Balboa en la historia de Cuba**. Madrid: Iberoamericana/Vervuert, 2009, p. 22.

¹⁷ Ibid., p. 23-24.

¹⁸ BALBOA, Silvestre de. **Espejo de paciencia**. Canto I. España: Red Ediciones, 2011, p. 13.

Altamirano. Sem permissão de vestir o hábito, o religioso seguiu a marcha enrolado em um manto até o porto de Manzanillo. Para resgatá-lo, a população ofereceu mil peças de couros, duzentos ducados em dinheiro, cem arrobas de carne e toucinho; os piratas, porém — diz Balboa —, não aceitaram a oferta. O bispo só foi libertado após o pagamento de dois mil ducados.

A segunda parte do épico teve início com a decisão de vingar a injúria ao “santo bispo”. O capitão Gregório Ramos organizou uma milícia composta por 24 homens da elite de Bayamo, que armaram uma emboscada para o capitão Girón, executaram-no e deceparam-lhe a cabeça:

De esta manera parten sin concierto
A Yara, donde tienen su esperanza,
Llevando la cabeza de Gilberto
Enclavada en la punta de una lanza.
Llegan al deseado y dulce puerto
donde está del obispo la bonanza;
El cual, con el amor que á todos gana,
Los sale á recibir á la sabana.¹⁹

No poema, Silvestre de Balboa mostra a ilha cubana povoada por mestiços, negros, brancos e crioulos, homens livres e escravos. O herói do relato é um escravo, crioulo etíope, tratado como herói por ter sido o executor de Girón. Para Salvador, “crioulo, negro honrado”, Balboa pede a liberdade:

Andaba entre los nuestros diligente
Um etíope digno de alabanza,
Llamado Salvador, negro valiente,
Hijo de Golomón, viejo prudente:
El cual armado de machete y lanza,
Cuando vio a Gilberto andar brioso
Arremete contra él cual león furioso.²⁰

Nascido nas Ilhas Canárias e radicado em Cuba entre 1592 e 1644, Silvestre de Balboa fazia parte da burocracia da cidade por ser escrivão do cabildo de Porto Príncipe. Como viveu por muitos anos em Cuba, conhecia seus costumes e suas tradições. Os fatos narrados em **Espejo de paciencia**, inspirados no rapto do bispo, podem ser confrontados na carta que Juan de las Cabezas Altamirano enviou ao rei de Espanha em 1609. Essa carta foi localizada no Arquivo Geral das Índias, em Sevilha. Sem esquecer o trauma do cativo, o bispo escreveu a Felipe III, rei de Espanha:

¹⁹ BALBOA, Silvestre de. **Espejo de paciencia**. Canto II. España: Red Ediciones, 2011, p. 42.

²⁰ Ibid., p. 37.

“Habiéndome prendido un francés por quitarles los rescates y tener todos los pueblos excomulgados me entregaron por traición donde me vi [sic] con una soga a garganta y desnudo [...]”.²¹

Balboa descrevia o contrabando e a ação da pirataria como os pontos catalisadores da sociedade caribenha:

Aquí del *Anglia*, Flandes y Bretaña
A tomar vienen puerto en su marina
Muchos navíos a trocar por cueros
Sedas y paños y a llevar dineros.²²

De qualquer forma, é nas regiões a oeste das ilhas de Cuba e ao norte da ilha de La Española (dividida atualmente entre o Haiti e a República Dominicana) que estaria localizado o motor de relações intransulares. Estas ligavam vários portos clandestinos do Caribe espanhol com os estabelecimentos franceses, ingleses e holandeses dentro do Caribe, dando início a conexões não apenas entre este e a Espanha, mas também entre as ilhas, que, por sua vez, vinculavam-se a outros países europeus.²³

No entanto, o bispo de Cuba, na correspondência enviada ao rei da Espanha, sugeria que o sequestro fora motivado por sua ação enérgica contra os “resgates”. Além disso, podemos inferir que crioulos e espanhóis radicados na ilha, alijados do poder, despertavam para outra realidade, nutrindo-se de um sentimento de pertencimento à ilha.

Quanto a Salvador de Golomón, herói do dito poema, há controvérsias sobre sua existência. O dado inédito desse poema não é, sem dúvida, a formação de uma milícia de elite para vingar o bispo, tendo à frente o alcaide Gregório Ramos; mas sim ter Salvador — “crioulo, negro honrado” — como herói.

Nisso é possível perceber um traço de insularidade e reverência aos “legítimos habitantes da ilha”. Segundo a escritora e poetisa cubana Uva de Aragón, **Espejo de paciência**, além de ser o primeiro poema genuinamente cubano, traz o termo “crioulo” para diferenciar os nativos — habitantes da ilha — dos espanhóis colonizadores.²⁴

²¹ Citado por CRUZ-TAURA, Graciella. **Espejo de paciência y Silvestre de Balboa en la historia de Cuba**. Madrid: Iberoamericana/Vervuert, 2009, p. 46.

²² BALBOA, Silvestre de. **Espejo de paciência**. Canto I.España: Red Ediciones, 2011, p. 11.

²³ BENÍTEZ ROJO, Antonio. **La isla que se repite**. Barcelona: Editorial Casiopea, 1998.

²⁴ ARAGÓN, Uva. Solo azul y más azul. In: SOLER-ESPIAUBA, Dolores. **Literatura y patera**. Madrid: Akal, 2004, p. 140.

Bosch produziu uma narrativa dos movimentos de resistências, rebeliões e revoluções que marcaram a história da região. Em meio aos movimentos de resistência, ele menciona as revoltas indígenas e escravas, sem deixar de citar os corsários e piratas:

Poca gente se hace idea de la relación de causa e efecto que tuvieron en el Caribe el contrabando, el bucanerismo y el filibusterismo. Pero es el caso que tuvieron una relación estrechísima al punto de que podríamos decir, sin caer en exageraciones, que la sociedad bucanera y la sociedad filibustera no hubieran existido sin la previa existencia del contrabando.²⁵

Nesse intervalo, o império espanhol não conseguia cobrir a entrada dos corsários e piratas. Por exemplo, o biógrafo de Sir Francis Drake, um dos corsários ingleses mais audaciosos, conta a história do “assalto” ao porto caribenho de Rio de la Hacha (atualmente a cidade de Riohacha, na Colômbia caribenha). Sob o comando de seu tio, John Hawkins, Drake ainda participou de várias incursões de corso.

Era comum o “sequestro” de alguma autoridade como forma de legalizar o comércio entre colonos espanhóis, corsários e piratas. Um funcionário gabaritado, burocrata espanhol era convidado a visitar o navio e poderia ser “preso”; então se cobrava um resgate da cidade, que de imediato fazia uma coleta entre os comerciantes e saldava a importância exigida.

Não seria improvável pensar que foi isso que ocorreu no caso da narrativa de Balboa. Sua obra — além da carta que o bispo tinha enviado a Felipe III — era uma peça que pretendia “encobrir” a participação do bispo na atividade comercial ilegal entre piratas, corsários e colonos em um momento em que a Coroa combatia intensamente o contrabando, como relata Benítez Rojo.²⁶ A consciência *criolla* de Balboa está justamente nessa defesa da sociedade *criolla* que se forma em torno do contrabando.

No momento mesmo em que a Coroa reprimia os portos do norte de La Española — os quais ficavam nas proximidades da região cubana de Santiago, onde Balboa tinha escrito seu poema —, havia uma contradição entre um império que não conseguia prover os colonos daquilo que necessitam nem oportunizar o escoamento de sua produção.

²⁵ BOSCH, Juan. **De Cristóbal Colón a Fidel Castro**: el Caribe frontera imperial. Madri: Sarpe, 1985, p. 225. V. 1 e 2.

²⁶ BENÍTEZ ROJO, Antonio. **La isla que se repite**. Barcelona: Editorial Casiopea, 1998.

Vale lembrar que o poema **Espejo de paciencia** se insere na tradição dos poemas épicos e segue um desenvolvimento linear teleológico, correspondente à épica dos vencedores. Para Raul Marrero-Fente, isso explica por que a narrativa começou com o sequestro do bispo Cabezas Altamirano, seguiu com o pagamento do resgate para libertá-lo e trouxe, na sequência, a batalha entre a milícia de Ramos e os piratas franceses, que culminou na morte do capitão Girón.²⁷

Em relação ao poema épico de Balboa, Marrero-Fente²⁸ vai além ao afirmar que são os historiadores — e não os críticos literários — que mais têm avançado nas leituras imaginativas. Considerando que estavam apoiadas em documentos e arquivos, essas leituras serviram para confrontar esse mundo imaginativo.²⁹ Enfim, Marrero-Fente conclui que o mundo imaginativo do **Espejo...** é complexo e abarca, além dos tópicos tradicionais da poesia épica, os limites humanos e geográficos do império espanhol colonial e revela a fundação de uma imagem insular, que começa por estabelecer as bases do imaginário literário cubano.³⁰

REVERBERAÇÕES DA PIRATARIA NA NARRATIVA CONTEMPORÂNEA

Quando, em meados do século XIX, desapareceram dos mares os últimos piratas, a imaginação do escritor recria a ideia da pirataria inspirando-se, em parte, em acontecimentos registrados séculos atrás. A ficção literária do fim do século XIX e do início do século XX estampava saqueadores destemidos que dominavam galeões espanhóis em alto-mar. Para Stuart, a idealização da pirataria não foi entrelaçada ao mito pitoresco com a crua realidade até alcançar essa etapa intermediária, o que ocorreu com as baladas, os romances populares, os poemas como o épico **O corsário**, de Byron (1814), ou o clássico da literatura **A ilha do tesouro** (1883) e **Peter Pan e Wendy** (1911).³¹ A memória da pirataria começa, então, a reverberar na literatura.

²⁷ MARRERO-FENTE, Raúl. **Al margen de la tradición**: relaciones entre la literatura colonial y peninsular en los siglos XV, XVI y XVII. España: Espiral Hispano-Americana, 1999, p. 137-138.

²⁸ Ibid., p. 138.

²⁹ A investigação no Arquivo Geral das Índias revelou que o sequestro do bispo Cabezas Altamirano foi relatado pelo religioso a Felipe III em correspondência privada. Cf. CRUZ-TAURA, Graciella. **Espejo de paciencia y Silvestre de Balboa en la historia de Cuba**. Madrid: Iberoamericana/Vervuert, 2009.

³⁰ MARRERO-FENTE, 1999, op. cit., p. 6.

³¹ STUART, Robertson. **La vida de los piratas**. Barcelona: Critica, 2010.

Em **A ilha do tesouro**, a exemplo de obras literárias da mesma natureza, Robert Louis Stevenson construiu, de forma peculiar, o nosso imaginário sobre a pirataria ao unir para sempre a imagem dos piratas com os mapas, as escunas negras, as ilhas tropicais e os marinheiros coxos com papagaios no ombro.³² Como registro histórico da Idade de Ouro da pirataria, cabe reiterar a obra de Exquemelin.³³ Ícone da história da pirataria, com numerosos imitadores, ele inspirou boa parte das obras de ficção dos séculos XVIII e XIX. O livro, escrito por um bucaneiro francês que viveu na ilha de Tortuga, relata a vida dos piratas e a rotina das embarcações. “‘El mar de las lentejas’, lo llamó en su día el cosmógrafo Guillaume Le Testu y muchos años más tarde, Antonio Benítez Rojo publicaba en La Habana una novela con el mismo nombre”.³⁴

Retomando a poesia épica de Balboa no contexto da narrativa contemporânea, podemos afirmar que o tema insular de **Espejo de paciencia** ressurgiu em **La isla que se repite**,³⁵ antecedido pelo romance **El mar de las lentejas**, de Benítez Rojo. Este busca compreender a colonização da sociedade caribenha no século XVI mediante um contraponto entre Cristóvão Colombo e John Hawkins — este o primeiro corsário inglês a chegar à América. Essas duas figuras seriam símbolos de dois modelos de sociedade que conviveram no Caribe: uma sociedade imperial e a resistência a ela, construindo pontos de resistência ao império espanhol e ao modelo socioeconômico em que se organizava.

A nuestro entender, el eje de la novela no está en la agonía de Felipe II, por mucha simbología que en nosotros despierte, sino en la demostración que nos hace el autor de cómo América se había

³² STUART, Robertson. **La vida de los piratas**. Barcelona: Critica, 2010, p. 11.

³³ Alexander Exquemelin foi contratado pela Companhia Francesa das Índias Ocidentais em 1666. Na ilha Tortuga, atuou como cirurgião, três anos antes de ingressar na Irmandade da Costa com Henry Morgan e iniciar a trajetória como bucaneiro com o francês François l'Olonnais. Em 1674, quando regressa à Europa, escreve um relato pessoal sobre os grandes piratas e os acontecimentos que havia testemunhado. Cf., Ibid.

³⁴ RAMOS, Juan Manuel García. Las culturas del mar. **Anales de literatura hispanoamericana**, v. 28, p. 200, 1999.

³⁵ A novela de Benítez Rojo está estruturada em quatro histórias, cada qual se desenvolve nos setes capítulos da obra. Trata da morte de Felipe II e da sua agonia (1598); a segunda viagem de Colón (1493–1496); a vida de Pedro Ponte desde o seu nascimento, em Garachico (1505), até a sua declaração em favor de Thomas Nichols, em 1560 e anos posteriores, além da incursão de Pedro Menéndez de Avilés na Florida (1565–1567).

convertido en un simple botín para los europeos y de cómo el Caribe fue el primer eslabón de esa carrera internacional.³⁶

Seria justamente em meio a essas duas “sociedades e economias” que Balboa se situava. Em **Concierto barroco**, o argumento da novela de Alejo Carpentier é a estreia da ópera **Montezuma**, de Vivaldi, em Veneza, em 1773. Na novela — com um debate sobre a música de Cuba —, destaca-se Filomeno Golomón, músico popular negro e livre que se declara descendente de Salvador, herói de **Espejo de paciencia**. Ao reatualizar Salvador na narrativa caribenha contemporânea, Carpentier legitima a poética de Silvestre de Balboa.³⁷

O tema dos piratas e corsários está presente na narrativa contemporânea caribenha em **Lobas de mar**, de Zoé Valdés. O enredo trata da pirataria no século XVII, tendo como protagonistas duas piratas, mulheres travestidas de homens, com a narrativa girando em torno de figuras históricas. Com efeito, entre tantos piratas que cruzaram o Caribe no século XVIII, poucos ganharam fama tão perturbadora quanto Ann Bonny e Mary Read: integrantes da tripulação de Jack Rackham, que, até sua captura, em 1720, fazia a travessia entre as ilhas Bahamas e a Jamaica. As aventuras de Ann e Mary inspiraram escritores desde o século XVIII.

Para Lizabeth Paravisini-Gerert, a fascinação pela história de Ann e Mary deriva de seu gênero: de sua irrupção em um mundo essencialmente masculino e em aventuras que aconteceram numa atmosfera erótica.³⁸

As primeiras crônicas reveladoras dessa história foram publicadas no século XVII: no panfleto **The trials of Captain John Rackham and other pirates** foi impresso em Londres, em 1721, poucos meses após a prisão de Ann e Mary, e no livro **A general history of the robberies and murders of the most notorious pirates**, escrito pelo capitão Charles Johnson, em 1724.

Um navio britânico capturou o barco de Rackham em novembro de 1720; no dia 28 desse mês, um tribunal reunido na localidade jamaicana de Santiago de la Veja julgou a tripulação: todos foram condenados à forca, incluindo duas mulheres. De fato,

³⁶ RAMOS, Juan Manuel García. Las culturas del mar. **Anales de Literatura Hispanoamericana**, v. 28, p. 205, 1999.

³⁷ CARPENTIER, Alejo. **Concierto barroco**. La Habana: Editorial Arte y Literatura, 1974.

³⁸ PARAVISINI-GERERT, Lizabeth. Las aventuras de Ann Bonny y Mary Read: el travestismo y la historia de la piratería femenina en el Caribe. In: VELASCO, Luzelena Gutiérrez de. (Org.). **Género y cultura en América Latina**. México: Piem (Colegio de México), 2004, p. 137-147.

o sexo de Ann e Mary resultou num agravante porque os testemunhos deixaram claro que somente elas e outro marinheiro resistiram à prisão com facões em punho. “Ademáis, estaba más que demostrado para el jurado que a ambas féminas les encantaba aquel modo de vida.”³⁹ Ficou comprovado no julgamento que Ann e Mary se vestiam como homens. Uma das vítimas, Dorothy Thomas testemunhou que elas eram mulheres. Ambas usavam jaquetas masculinas e calças largas, “[...] y pañuelos anudados en torno a sus cabezas, y cada una tenía un machete y una pistola en las manos”.⁴⁰ A testemunha ressaltou que sempre pensou que aqueles piratas eram do sexo feminino, pois chamava a atenção a excessiva “amplitude” de seus seios.

Uma vez que a pirataria não admitia mulheres na tripulação, torna-se fácil entender como a história de Ann e Mary foi considerada algo inusitado na época. Capturadas com vestimentas masculinas, foram tidas como tal até que, ao serem desnudadas, os seios foram expostos. Ambas foram julgadas e condenadas à morte; mas obtiveram indulto quando ficou comprovado que estavam grávidas.

Em 1724, o capitão Charles Johnson foi considerado o primeiro narrador das aventuras de Ann Bonny e Mary Read. Segundo ele, Mary era filha de um relacionamento extraconjugal criada pela mãe como menino para se tornar herdeiro e se fazer passar pelo filho legítimo, que tinha morrido antes do nascimento de Mary. Aos 13 anos de idade, Mary foi trabalhar num bordel, como limpadora de calçados; mas abandonou o emprego, alistou-se na Marinha e casou-se com um companheiro de armas. Ao ficar viúva, decidiu navegar até as Índias. No trajeto, foi sequestrada por piratas e decidiu juntar-se a eles; quando o navio pirata foi aprisionado nos mares do Caribe, Mary foi presa e condenada. Recebeu, porém, indulto pela gravidez. Na prisão, contraiu uma febre que a levou a óbito.

Ann Bonny era filha de um advogado irlandês com sua amante, que era serviçal da casa. Quando o adultério foi descoberto, o advogado, a amante e a filha emigraram da Irlanda para a Carolina do Sul (Estados Unidos), onde a família tornou-se proprietária de uma plantação, vivendo comodamente. Ao decidir casar-se com um marinheiro pobre, Ann foi rechaçada pela família. O casal partiu, então, para a ilha Providência, refúgio de piratas, onde conheceu o capitão Jack “Calico” Rackham. Ali,

³⁹ CHAMORRO, Germán Vázquez. **Mujeres piratas**. Madrid: Algaba Ediciones, 2004, p. 229.

⁴⁰ Ibid., p. 230.

Ann abandonou o marido e, disfarçada de homem, juntou-se à tripulação. Apesar de ter sido acometida, na prisão onde teve seu filho, pela mesma epidemia de Mary, Ann conseguiu sobreviver. Como seu pai era advogado, rico fazendeiro e tinha amigos influentes na Jamaica, ele obteve indulto para a filha.

A notoriedade dessas mulheres por sua vida como piratas travestidas — o que só foi revelado na prisão durante o julgamento — tem de ser compreendida, de acordo com Paravisini-Gerert, no contexto dos esforços da Inglaterra para erradicar a pirataria no Caribe e combater o contrabando, prejudicial ao comércio. Em 1708, mercadores e fazendeiros ingleses solicitaram à Coroa proteção para salvaguardar o comércio com as Índias ocidentais, que na época incluía a comercialização rentável de escravos, ameaçada pela pirataria, sobretudo pelos ataques aos navios negreiros.⁴¹ Em 1710, as ilhas Bahamas se tornaram refúgio dos piratas, que obrigaram os colonizadores, produtores e exportadores de algodão, madeira, açúcar, anil, sal e azeite de baleia a cooperar com eles.

Como se lê, a luta do governo inglês para retomar o controle das ilhas, o conflito entre o comércio legal e a pirataria, se inseriu no contexto da história de Mary e Ann, cujas aventuras circularam depois da sentença e do indulto da força:

Su historia se convirtió en el símbolo de la lucha que se libraba la Bahamas entre lo legal y lo ilegal, entre la “verdadera” naturaleza de las dos mujeres atadas a lo doméstico y que debieron exhibir sus senos y suplicar con su vientre, y su encarnación antinatural como piratas sangrientas.⁴²

Em diversas obras de ficção publicadas no século XX, as piratas protagonizam um triângulo amoroso “Y así, hay quien fantasea con un erótico y caliente trío formado por Rackman, Mary y Ann, quien demuestra sin ningún género de dudas que las piratas eran lesbianas”.⁴³ Na ficção, as personagens de Defoe (pessoas reais) deram origem a um subgênero literário que transita entre o lesbianismo, o erotismo e a pirataria.

⁴¹ CHAMORRO, Germán Vázquez. **Mujeres piratas**. Madrid: Algaba Ediciones, 2004.

⁴² PARAVISINI-GERERT, Lizabeth. Las aventuras de Ann Bonny y Mary Read: el travestismo y la historia de la piratería femenina en el Caribe. In: VELASCO, Luzelena Gutiérrez de. (Org.). **Género y cultura en América Latina**. México: Piem (Colegio de México), 2004, p. 43.

⁴³ CHAMORRO, 2004, op. cit., p. 58.

Aí se inclui **Lobas de mar**, novela histórica que a escritora cubana dissidente do regime castrista Zoé Valdés⁴⁴ publicou em 2003; sua narrativa recria a história de Ann Bonny e Mary Read ambientada em Cuba. A duplicidade de existência está registrada ao longo de toda a novela. Conta a narradora sobre Ann no capítulo III:

Ann, masculinizada, actuaba como uno más, vengativo y borracho. El asunto se complicó cuando, sintiéndose atraída por algunos buenos mozos, se arriesgó a amarlos con cinismo... Vivió una doble vida, en lugar de la de doble agente como la de su marido, tenía más que ver con su apetito de hembra, estrenada y entrenada en la perfidia, asistida por la libertad que sólo un hombre podía probar. Y se libró al libertinaje, traviesa, de noche negociaba su cuerpo con los piratas, le excitaba suponer que su marido, desde algún escondrijo, los denunciaría a la justicia. De día se emborrachaba en compañía de aquellos amantes, travestida y homologada en coraje.⁴⁵

A novela escrita por Valdés é uma fantasia com anedotas históricas conjugadas com saques e combates em alto-mar, episódios amorosos e encontros truculentos que culminaram em um triângulo amoroso entre Ann e Mary e o pirata capitão Jack “Calico” Rackham, do galeão Kingston, considerado o terror do Caribe. Valdés afirma que a motivação para escrever **Lobas de mar** foi a experiência de ter vivido em uma ilha e ter experimentado sentimentos “[...] tan fuertes de insularidad los cuais nos obliga a vivir la infancia y la adolescencia de una manera mucho más enigmática.”⁴⁶ Recorda a autora que, quando tinha por volta dos 11 anos de idade, saía da escola e tomava um ônibus até Cojímar, povoado onde Hemingway pescava. Ali viviam seus primos e uma tia.

Assim como o mar, a literatura sobre pirataria se tornou uma referência para a escritora. Ela se recorda de uma obra importante, entre todas as que “[...] componen mi mar literario: los relatos del capitán Charles Johnson atribuidas a Daniel Defoe [...]” — diz Valdés.⁴⁷ Essa fala indica que **Lobas de mar** foi uma recriação, ambientada na ilha

⁴⁴ Nascida em 1959, Zoé Valdés realizou seus primeiros estudos no Instituto Superior José Verona em Havana e pertenceu a uma das primeiras gerações educadas sob o regime revolucionário. Formada em Filologia, pela Universidade de Havana, posteriormente estudou na Aliança Francesa em Paris. Entre 1983 e 1987, residiu na capital francesa como técnica da Oficina Cultural de Cuba na Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura. Regressou à ilha caribenha e trabalhou como editora da revista **Cine Cubano**. Torna-se anticastrista e exila-se em Paris, em 1995. Publicou **La nada cotidiana, te di la vida entera** (1996), **Café Nostalgía** (1987), **Los misterios de Habana** (2004), **La ficción Fidel** (2008) e outros títulos.

⁴⁵ VALDÉS, Zoé. **Lobas de mar**. Barcelona: Editorial Planeta, 2003, p. 60-61.

⁴⁶ Ibid., p. 15.

⁴⁷ Ibid.

cubana, da obra original do primeiro cronista a relatar a história de Ann Bonny e Mary Read, referida antes. Outra obra também relacionada entre os clássicos da pirataria foi a **Ilha do tesouro**, de Stevenson. Além dessas, Valdés destacou **O velho e o mar**, de Hemingway, e **Moby Dick**, que havia sido traduzida por Alejo Carpentier, mas que fora censurada após a revolução cubana. Ela considera **Lobas de mar** como a novela onde aborda sua primeira relação com o mar com base em suas primeiras memórias:

Pregunta Ann Bonn

— ¿No tiene nada más importante que hacer, capitán Johnson?

O capito responde:

— Mi tarea es escribir. Creo que es lo único importante que me ha tocado hacer en la vida.

— ¿Y para qué sirve?

El hombre no respondió, pasó su mano por la frente hasta el cráneo, donde se mesó los ralos cabellos, seguro y feliz de vivir angustiado por esa duda perenne: ¿qué utilidad tendría todo aquello?⁴⁸

No epílogo, a autora daria a seguinte resposta:

El riesgo entonces ha sido, en mi caso, el de mentir y creérmelo, con la duda y el coraje como aliados, inventar a partir de ciertos datos fluctuantes; y si es cierto que la mentira literaria resulta más atractiva y fiel a la verdad histórica, por azar concurrente, como diría José Lezama Lima, también debo admitir que nunca me he sentido más indecisa, solitaria y desconcertada ante la página en blanco.⁴⁹

Assim, as reverberações da pirataria na narrativa contemporânea de Cuba destacam a sociedade crioula, criada em torno da pirataria e do contrabando, como uma espécie de contraponto simbólico a uma memória histórica imperial. O *Espejo da paciencia* é, desse modo, recuperado como o ponto zero dessa narrativa. Mesmo sendo um tema ainda marginal na literatura caribenha, a pirataria se tornou símbolo de rebeldia e de uma sociedade alternativa à da memória oficial; purgada pelos interesses dos escritores, a pirataria perdeu a espessura histórica que a compunha e acabou virando ficção.

Podemos destacar no **Espejo...** a figura do escravo Salvador, que assume o papel de herói na narrativa — “criollo negro honrado” — e para quem se pedia a liberdade. Com isso, a identidade crioula começou a se configurar nesse poema. Além disso, a repressão ao comércio ilegal entre nativos e piratas era razão de ressentimentos. Um ano antes do sequestro do bispo, em 1604, o tenente Suárez de Poago, enviado pelo

⁴⁸ VALDÉS, Zoé. **Lobas de mar**. Barcelona: Editorial Planeta, 2003, p. 91-100.

⁴⁹ Ibid., p. 101.

capitão-geral Pedro Valdés, processou sumariamente os habitantes de Bayamo pela prática de contrabando. Cruz-Tauro localizou uma correspondência de Felipe III endereçada pelo bispo Altamirano onde pedia perdão ao bayameses por acusações de contrabando.⁵⁰ Alegava que, ao libertá-lo do jugo dos piratas, a população de Bayamo vingava a afronta dos hereges franceses ao rei e ao catolicismo.

O **Espejo...** revela outras contradições entre a ilha e a Coroa espanhola:

El canto de exaltación que escribe Balboa nos parece, a la luz de los hechos de la historia, un modo de preservar la práctica ilegal, una obra que en definitiva pretende subvertir el orden impuesto, rasgo importante de todos los que integran lo que podemos llamar la consciencia de la insularidad.⁵¹

Essa contradição entre Cuba e Espanha foi aprofundada dois séculos e meio mais tarde, até desembocar na primeira guerra pela independência, em 1868. Entretanto, em 1608, havia sido um modo substancial de expressão da sensibilidade crioula. Assim, o que denominamos insularidade — um modo próprio de ser espanhol — era “[...] una forma de la otredad que es América”.⁵²

Pela diversidade geográfica, política e cultural, Manuel Garcia Ramos considera o Caribe um dos territórios mais mestiços do planeta; para lá convergiriam cosmogonias das formas diversas e múltiplas de expressar a vida e sua complexidade, de Silvestre de Balboa a Saint-John Perse, de Aimé Césaire a Alejo Carpentier, de Nicolás Guillén a Zoé Valdez ou Derek Walkott.⁵³

ARTIGO RECEBIDO EM 29/05/15. PARECER DADO EM 26/07/15

⁵⁰ CRUZ-TAURA, Graciella. **Espejo de paciencia y Silvestre de Balboa en la historia de Cuba**. Madrid: Iberoamericana/Vervuert, 2009.

⁵¹ SAINZ, Enrique. Espejo de paciencia (1604-1608): hispanidad e insularidad. In: BUXO, José Pascual (Coord.). **La literatura en la América Virreinal: concurrencias y diferencias**. México: Unam, 1996, p. 130.

⁵² Ibid.

⁵³ RAMOS, Juan Manuel García. Las culturas del mar. **Anales de Literatura Hispanoamericana**, v. 28, 1999.